

A LEITURA DO TEXTO IMAGÉTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Felipe Gonçalves Carneiro (IFTO)

felipecarneiro@yahoo.com.br

Andreia Nascimento Carmo (SEDUC-TO)

andreianascimentocarmo@yahoo.com.br

RESUMO

Propomo-nos, neste trabalho, analisar e problematizar a produção de texto escrito, oriunda das aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, a partir da leitura do texto imagético. Assim, preconizamos a prática de leitura do não verbal em sala de aula, considerando-o como a base material de sentidos e, por conseguinte, apartando-o da ideia reducionista, que o vincula como ilustração do texto verbal. Para tanto, mobilizamos a Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana como pressuposto teórico-metodológico, para pensarmos a materialidade não verbal como objeto simbólico. Assim sendo, dada a maneira como consideramos o não verbal, tocamos a opacidade destes textos por meio de um exercício de produção textual na aula de Língua Portuguesa, em que os discentes foram demandados a elaborar uma narrativa, ancorados no texto imagético. Em nossa análise, dada a heterogeneidade constitutiva da linguagem não verbal, pudemos entrever a inscrição de diferentes discursividades produzidas pelos discentes. Compreendemos que mobilizar a AD nas aulas de língua portuguesa é dar um novo tratamento para o texto imagético.

Palavras-chave:

Análise de Discurso. Texto imagético. Aula de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In this work, we propose to analyze and problematize the production of written text, originating from Portuguese Language classes in Basic Education, based on the reading of the imagery text. Thus, we recommend the practice of reading the non-verbal in the classroom, considering it as the material basis of meanings and, therefore, separating it from the reductionist idea, which links it as an illustration of the verbal text. For that, we used the Pecheuxtian Discourse Analysis (AD) as a theoretical-methodological assumption, to think of non-verbal materiality as a symbolic object. Therefore, given the way we consider the non-verbal, we touch the opacity of these texts through an exercise in textual production in the Portuguese language class, in which the students were asked to elaborate a narrative, anchored in the imagery text. In our analysis, given the constitutive heterogeneity of non-verbal language, we were able to glimpse the inscription of different discursivities produced by the students. We understand that mobilizing AD in Portuguese language classes is giving a new treatment to the image text.

Keywords:

Discourse Analysis; Imagery text; Portuguese Language Class.

1. Introdução

Nas aulas de língua materna, o docente didatiza os saberes por meio dos diversos gêneros textuais que circulam em nossa sociedade. Nesse sentido, entendemos que se lida com o processo de leitura e interpretação da linguagem verbal e da não verbal. Nessa medida, a depender do gênero textual abordado na prática pedagógica docente, presentifica-se a imbricação dessas diferentes formas de linguagem.

Nesse cenário, a partir da perspectiva discursiva a qual nos filiamos, a Análise de Discurso inaugurada por Michel Pêcheux (AD, doravante), observamos que a conjunção de diferentes formas materiais de linguagem traz implicações no processo de engendramento de sentidos. Segundo Souza (2001, p. 69), “ao se entender o não verbal através do verbal, ocorre um reducionismo na própria conceituação de linguagem”, o que resvala no entendimento de que ao ler-interpretar a imagem pela linguagem verbal, acarreta a redução de sua significação.

Em atenção à instância discursiva da aula de língua materna, a partir dessas formas materiais de linguagem em circulação no livro didático de Língua Portuguesa, vemos que, a depender do modo como o não verbal é didatizado, o texto imagético pode ser tratado como ilustração da linguagem verbal (Cf. AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2017), o que endossa a suposta subordinação da materialidade imagética ao sistema linguístico, provocando o reducionismo do texto não verbal.

Assim sendo, dadas as considerações que viemos apontando, motivamo-nos em verificar como ocorre o funcionamento discursivo da materialidade imagética na prática docente, sem o direcionamento da linguagem verbal na produção de sentidos. Portanto, neste artigo, interessa-nos compreender como se dá o processo de leitura do texto imagético a partir de uma proposta de produção textual, em que os alunos foram demandados a construir um texto narrativo com o apoio de uma materialidade imagética.

2. Leitura e produção textual na perspectiva discursiva

Nesta seção, mobilizamos algumas concepções concernentes ao dispositivo teórico-metodológico da AD francesa, de modo a possibilitarmos analisar e problematizar a produção de texto escrito, oriunda das aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, a partir da leitura do texto imagético. Para tanto, ancoramo-nos nas noções de sujeito e de

leitura, a fim de compreendermos o processo de produção de sentidos do texto imagético que apresentaremos. Em seguida, direcionaremos o nosso olhar discursivo ao texto imagético, com vistas a tecer considerações acerca do funcionamento discursivo da materialidade não verbal.

O campo epistemológico pecheuxtiano considera a linguagem, seja ela verbal ou não verbal, como materialidade opaca e equívoca, tendo em vista a relação constitutiva entre linguagem, sujeito e história. Nessa medida, rechaçamos a ideia de imanência dos sentidos, uma vez que o sentido não é intrínseco à materialidade da linguagem, de modo que a produção de sentidos se dá por meio de sua inscrição na historicidade (Cf. ORLANDI, 2015).

A partir da perspectiva discursiva, há que se considerar o ritual de interpelação de indivíduo em sujeito, na medida em que há o efeito ideológico na produção de evidência e de transparência do sentido para o sujeito interpretante. De acordo com Pêcheux,

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece 'a cada sujeito' sua 'realidade', enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 2014 [1975], p. 149)

Com base na citação acima, podemos observar o efeito ideológico na constituição dos sujeitos e dos sentidos. Sendo assim, ponderamos que nos processos discursivos, “a questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 140, grifos do autor). A partir dessa noção, compreendemos que tanto os sentidos quanto os sujeitos são constituídos ideologicamente, por meio do complexo de formações ideológicas.

Dessa forma, cumpre considerar que as formações ideológicas são representadas pelas formações discursivas (Cf. PÊCHEUX, 2014[1975]), as quais viabilizam a formulação do dizer. Em outras palavras, as formações discursivas “são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas” (ORLANDI, 2017, p. 20). Por esse viés, é importante mencionar que, para dizer, o sujeito assume uma tomada de posição. É nesse sentido, em consonância com a nossa perspectiva teórica, que entendemos a noção de posição-sujeito.

Neste espaço, dando sequência ao nosso recorte teórico, evocamos a ideia de sujeito oriunda do quadro teórico pecheuxtiano. É relevan-

te pontuar que estamos considerando, para este artigo, o sujeito discursivo. Em vista disso, além do assujeitamento ideológico, conforme já circunstanciamos, o sujeito é também constituído por uma clivagem, pelo não saber. Nas palavras de Pêcheux (2014[1975], p. 124), “*o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico* estão materialmente ligados, sem estar confundidos”.

Dada a centralidade de nosso artigo, em que enfocamos a produção de texto escrito a partir da leitura do texto imagético, é fundamental pensarmos a noção de leitura, na medida em que a consideramos como “um processo de instauração do(s) sentido(s)” (ORLANDI, 2012, p. 8). Isto é, a leitura na perspectiva discursiva é concebida como um processo de engendramento de significação, o que nos permite alinhar com a posição-sujeito, conforme salientamos anteriormente. De forma a compreendermos este processo, mobilizamos um excerto de Pêcheux (2014[1975]), qual seja:

[...] a tomada de posição não é, de modo algum, concebível com um ‘ato originário’ do sujeito-falante: ela deve, ao contrário, ser compreendida como o efeito, na forma-sujeito, da determinação do interdiscurso como discurso-transverso, isto é, o efeito da ‘exterioridade’ do real ideológico-discursivo, na medida em que ela ‘se volta sobre si mesma’ para se atravessar. (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 159-160)

Nesta passagem, notamos que o processo leitura se dá a partir de uma tomada de posição do sujeito discursivo frente a um objeto simbólico, de modo que a relação com a exterioridade é constitutiva dos sentidos e dos sujeitos. Assim, à luz desses apontamentos, cabe ressaltar que a noção de leitura é marcada pela heterogeneidade, uma vez que “a constituição do texto, do ponto de vista da ideologia, não é homogênea” (ORLANDI, 2012, p. 71). É nesta perspectiva que estamos considerando o texto imagético em estudo, de maneira que ele é marcado por uma heterogeneidade constitutiva. Por conseguinte, dada a natureza opaca da linguagem, podemos entrever as inúmeras (im)possibilidades de construção de sentidos.

Neste ponto, vamos dar decorrências ao funcionamento discursivo da materialidade imagética. Para tanto, acionaremos as considerações de Barthes (2015[1980]), de Fernandes (2013; 2017) e de Orlandi (1995). Dada a nossa filiação teórica, não podemos perder de vista que o engendramento de sentidos se dá na e pela historicidade, o que implica considerarmos a materialidade imagética a partir desta perspectiva.

Sendo assim, tomamos o não verbal como materialidade significativa, de modo que ele não seja concebido, meramente, como ilustração do verbal, numa relação de subordinação à língua para significar. Podemos corroborar esta ideia a partir da assertiva orlandiana, qual seja, “há uma necessidade no sentido em sua materialidade que só significa por exemplo na música, ou na pintura, etc. (...). São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem” (ORLANDI, 1995, p. 39).

Fernandes (2013; 2017), na esteira de Barthes (2015[1980]), tematiza acerca do *punctum*, que conforma o elemento visual que alicerça o leitor no processo de significação do texto imagético. Segundo a referida autora, “o *punctum* pode servir de ‘ponto de ancoragem’ para leitura e direcionar o sentido para as outras imagens da sequência narrativa” (FERNANDES, 2017, p. 221). Ou seja, há elementos visuais no tecido do texto imagético que captam o olhar do sujeito leitor. Nessa medida, compreendemos que a partir da historicização do *punctum* há o acionamento de uma memória discursiva que passa a significar o texto imagético, e neste artigo, estamos ponderando em termos de *rede de formulações visuais* (Cf. FERNANDES, 2013; 2017).

Passemos, a seguir, para as nossas considerações analíticas.

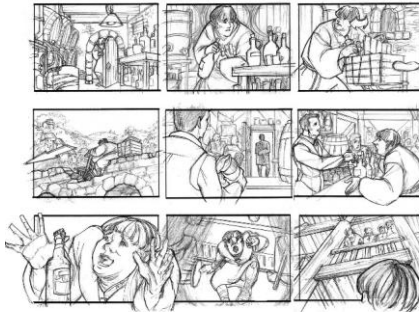
3. Gestos de leitura-interpretação do texto imagético

Esta seção contempla os nossos apontamentos analíticos que versam sobre a produção de texto escrito, nas aulas de Língua Portuguesa da primeira série do Ensino Médio da Educação Básica. O material de análise consta da elaboração de um texto narrativo pelos discentes, com base no texto imagético na instância discursiva da aula. Interessa-nos, portanto, o modo como os alunos discursivizam o texto imagético, a partir da atividade de elaboração de um texto narrativo, proposta pelo professor regente.

Neste artigo, estamos considerando que as (im)possíveis discursividades inscritas na materialidade verbal, produzida pelos alunos na aula de Língua Portuguesa, concernem ao modo como eles significam a materialidade imagética. Assim, levando em consideração a produção do material de análise, conforme circunstanciamos, efetuamos um recorte discursivo para configurar o nosso *corpus* analítico. Apresentamos, a

seguir, o texto imagético¹ (Figura 1) que foi ponto de partida para a produção de texto escrito.

Figura 1: Texto imagético apresentado para a produção de texto escrito.



Em atenção à constituição de nosso *corpus* analítico, realizamos recortes discursivos no texto imagético e no texto narrativo, os quais denominamos como sequência discursiva imagética (SDI) e sequência discursiva verbal (SDV), respectivamente. Assim, com o objetivo de entrever as (im)possíveis discursividades inscritas no *corpus* analítico, que resvalam no modo de leitura do texto imagético, efetuamos um batimento entre as sequências discursivas oriundas do material de análise.

Para tanto, em continuação às nossas considerações analíticas, tendo em vista o jogo discursivo na relação entre o verbal e o não verbal, apresentamos duas SDIs e duas SDVs, para que possamos efetuar os nossos gestos de interpretação.

SDI1: Homem abrindo a porta de um depósito (adega) – quadro1;

SDI2: Homem pegando as garrafas – quadro2.

Vejam, na sequência, as duas SDVs.

SDV1: “Um jovem chamado Magno, que morava na Noruega, com seus 18 quase 19 anos, decidiu largar as coisas banais e fúteis que estavam mantendo aos poucos, como o seu vício em bebida alcoólicas. [...] Mas um dia normal ele vai até a cozinha da igreja, onde tinha os vinhos, na qual ele pega algumas garrafas e coloca dentro de uma cesta. [...] ele leva as garra-

¹ Disponível em: <http://mediafilmproduction.blogspot.com/2013/10/the-art-of-storyboard.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

fas em sua bike até um bar. Nesse bar estava tendo uma festa como tema ‘Medieval’ [...]” (Edna).

SDV2: “Em meados do século XIX, em uma pequena cidade, estava Mariana uma nobre camponesa que lutava para cuidar de seus filhos Adame Bernardo, comum trabalho mal remunerado e a alta taxa de impostos, teve com ideia para ajudar ela e seus filhos pegar alguns pertences no trabalho. Mariana decidiu colocar sua ideia em prática. Logo quando chegou no bar que trabalhava, dirigiu para o depósito que ficava guardado todos os pertences vendidos no bar, com muita cautela tomou posse de alguns objetos depositando-os dentro da bolsa [...]” (Josefa).

Na SDV 1, considerando o batimento entre os seguintes sintagmas nominais, quais sejam: “Magno”, “jovem”, “vício”, “bebida alcoólica”, “festa”, podemos entrever que as SDI1 e SDI2 são discursivizadas a partir da perspectiva do jovem aventureiro e alcoólico. Nesse sentido, aventamos a hipótese de que as SDIs em tela acionam, para o sujeito do discurso, uma rede de formulações visuais que atendem a uma formação discursiva boêmia. Por outro lado, já na SDV 2, com ancoragem nos sintagmas nominais “Mariana”, “camponesa”, “filhos”, “trabalho” e “impostos”, observamos que no batimento entres esses significantes discursivos, o tecido imagético em questão é discursivizado a partir da perspectiva socioeconômica, em que apresenta a circunstância de uma mãe de família que tem dificuldades em criar seus filhos. Portanto, vemos duas posições-sujeito que produzem diferentes gestos de leitura-interpretação a partir das mesmas SDIs.

Outro ponto que nos chama a atenção, são os sintagmas verbais “pegar” e “tomar posse”, presentes na SDV 1 e na SDV 2, respectivamente. No primeiro recorte, entrevemos o efeito de um ato ilícito, em que endossa a ideia de roubo e de ilegalidade. Já no segundo sintagma verbal, “tomar posse”, engendra-se o efeito de ato praticado em virtude da necessidade de sobrevivência, de forma que há a justificativa para tal feito.

4. Considerações finais

No decorrer deste artigo, objetivamos analisar e problematizar a produção de texto escrito, oriunda das aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, a partir da leitura do texto imagético. Dessa forma, ancorados na AD pecheuxtiana, mobilizamos a noção de sujeito e de leitura, bem como esse campo epistemológico concebe o funcionamento discursivo da materialidade imagética.

Em nossas considerações analíticas, efetuamos recortes discursivos tanto do texto imagético como do texto narrativo, e no batimento entre o verbal e o não verbal pudemos entrever as discursividades inscritas pelos discentes na instância da aula de língua materna. Nesse sentido,

observamos que os sujeitos interpretantes se filiam a diferentes redes de significação, o que desencadeia em diferentes gestos de leitura- interpretação do texto imagético em estudo.

Além do mais, em nosso movimento de análise, pudemos verificar a questão da heterogeneidade constitutiva do texto imagético, o que atesta a opacidade e a equivocidade da linguagem não verbal. Assim, dado o modo como os discentes discursivizam a materialidade imagética, observamos que não há um fechamento pleno dos sentidos. Por conseguinte, ressaltamos a importância de o docente levar em consideração as múltiplas posições-sujeito dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUSTINI, C. L. H.; ARAÚJO, É, D.; LEITE, J. D. A leitura do texto não verbal imagético em livros didáticos: reflexões a partir de um olhar discursivo. *Entremeios*, Pouso Alegre, v. 14, p. 213-31, jan./jun., 2017.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015 [1980].

FERNANDES, C. *A resistência da imagem: uma análise discursiva dos processos de leitura e escrita de textos visuais*. Tese de doutorado. Porto Alegre: Instituto de Letras/ UFRGS, 2013.

_____. *O visível e o invisível da imagem: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livro de imagens*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2017.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI, S. (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. 3ª edição. Campinas-SP: Pontes, 2017.

_____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12. Edição, Campinas-SP: Pontes, 2015.

_____. *Discurso e Leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*. Campinas, Labeurb, Nudecrei, n. 1, p. 35-47, 1995.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014[1975].

SOUZA, T. C. C. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Rua*, Campinas: 7, p. 65-94, 2001.